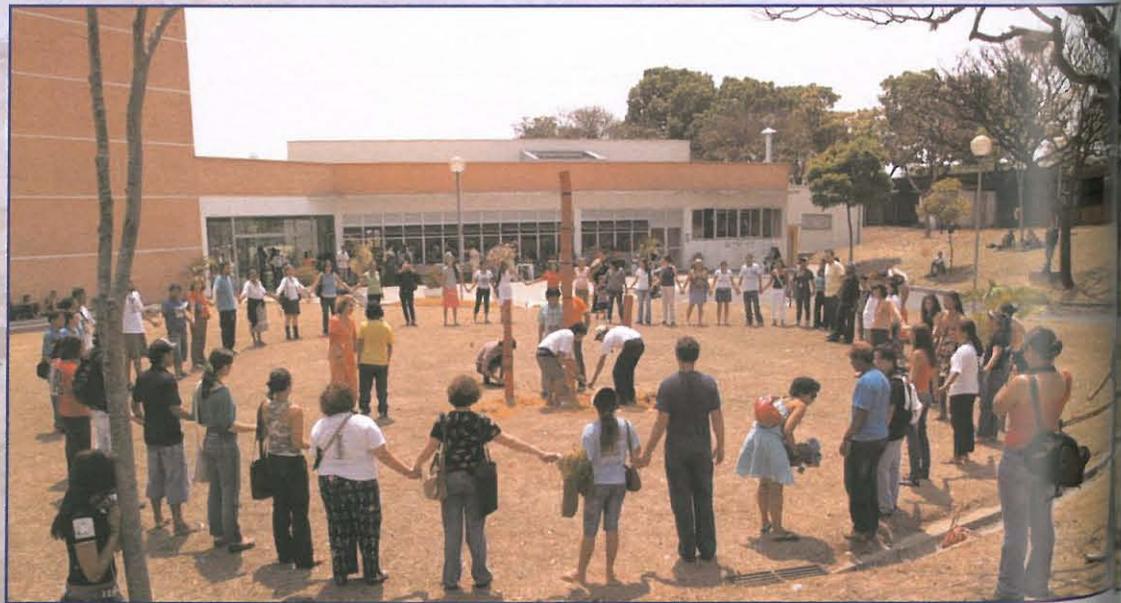


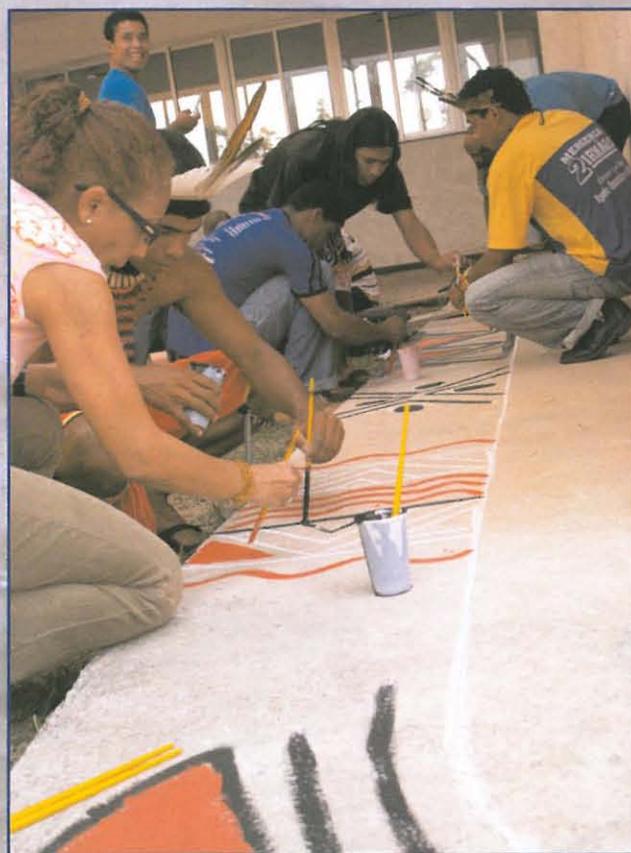
# Perafio Junte



# cultural

## Minha experiência no colegiado

Fazer parte do colegiado do curso, para mim, é muito importante, uma vez que, para nós, estudantes indígenas, a participação em tomar decisões, fazer propostas e ver como é a organização para que esse curso aconteça de verdade nos ajuda a ter uma visão mais ampla de como está sendo interessante e importante, para os povos indígenas de Minas Gerais, o fortalecimento da luta pela causa indígena, não apenas em Minas, como em todo o Brasil. Representar todos os estudantes do FIEI no colegiado garante sempre uma autonomia e não ficam às decisões sendo tomadas apenas pela coordenação acadêmica, sabendo que a representação dos estudantes e lideranças indígenas no colegiado ajuda a pensar e organizar melhor o caminho do nosso curso.



A interculturalidade acontece quando há o diálogo entre diversas culturas. É de fundamental importância que a escola indígena diferenciada torne possível o diálogo entre os **saberes tradicionais e outros saberes** de diversas culturas humanas.

Os povos indígenas de Minas Gerais, Xakriabá, Pataxó, Maxacali, Caxixó, Xucuru-Cariri, Krenak e Aranã, contam com mais uma conquista: através de sua luta, os professores indígenas estão realizando o Curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas – FIEI, na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. O curso acontece com etapas intensivas na UFMG, nos meses de maio e setembro, e etapas intermediárias, quando os estudantes estão em suas aldeias, criando e aperfeiçoando os seus métodos e conhecimentos sobre o ensino em suas comunidades, desde a educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

O curso é sediado na Faculdade de Educação – FaE. O **vestibular específico e diferenciado** aconteceu no final de 2005 em três etapas: apresentação de um memorial feito por cada candidato e de uma carta de recomendação de suas comunidades; realização de uma prova com questões sobre educação escolar indígena, e uma entrevista sobre as expectativas de cada estudante sobre esse curso. No caso dos Xakriabá, a segunda e a terceira etapas do vestibular foram realizadas nas aldeias Xakriabá. O curso teve início em maio de 2006 com a primeira etapa presencial intensiva. A aula inaugural foi dada pelo professor Carlos Roberto Jamil Cury, e ele falou sobre o seu relacionamento com a causa indígena, em 1977, quando era Conselheiro Nacional da Educação e debateu com as lideranças indígenas de todo o país a criação de parâmetros curriculares nacionais para as escolas indígenas.



Eu nunca tinha visto tantas diferenças (não conhecia a diferença entre as várias etnias brasileiras na prática). Em 2001, no plano Nacional de Educação, há um artigo que diz que compete às universidades (federais) o devido encaminhamento para que sejam dadas aos índios oportunidades de cursarem o ensino superior e assim fazer autonomamente cumprir a Constituição Federal. Abre-se a necessidade do direito dos povos às suas diferenças. **(Ser igual é ter direito à diferença)**. A emancipação cultural começou pelo reconhecimento de que há uma educação indígena. Não como continuação da cultura branca, mas como apropriação de seus meios para favorecer o diálogo. Isto faz dos estudantes indígenas especiais pelas suas diferenças culturais, fruto da luta de seus povos. Este é o pilar que sustenta a possibilidade do encontro do saber tradicional e o saber científico nas universidades, neste lugar onde a instituição se confronta com as marcas de luta, como um processo de trazer estes povos marginalizados à igualdade com autoridade para falarem de suas diferenças.

Foram séculos de resistência e, finalmente, abrem-se as portas, não por bondade, mas por um direito dos povos indígenas, primeiros donos destas terras do Brasil. É espantoso quando alguém pergunta: **“Você é índio?”** **“Como assim?”**

É preciso que aconteça o diálogo entre as diversas sociedades para que uma tenha conhecimento sobre a outra, para diminuir a desigualdade e o preconceito com os povos indígenas e outras sociedades.

Por meio da universidade, com conhecimentos tão amplos e abrangentes, há a oportunidade de acontecer e fazer esta ponte, uma ligação entre os diversos saberes. Para que aconteça a interculturalidade, para que exista uma troca, para trazer conhecimentos e buscar conhecimentos. Há uma troca de experiências, que traz uma reflexão sobre os desafios que encontramos na sociedade atual.

*Diana Xacriabá*  
Graduanda no FIEI/UFMG

